

**Marcelo de Oliveira
Volpato**

Jornalista, mestre em Comunicação Social pela UMESP. Atua no grupo de pesquisa Núcleo de Estudos de Comunicação Comunitária e Local (CEI Comuni), UMESP, São Bernardo do Campo, SP, Brasil. Email: volpatomarclo@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0380865209941898>.

Resenha

**Hip-hop: quando a música
torna-se comunicação
contra-hegemônica**

Submetida em: 02.09.2013
Aceita em: 25.10.2013

MOASSAB, Andréia. **Brasil periferia(s):** a comunicação insurgente do hip-hop. São Paulo: Educ, 2011. 338p.

As últimas décadas testemunharam diferentes movimentos solidários organizados por atores sociais de diferentes regiões do mundo, unidos tão somente pelo objetivo de reivindicar direitos coletivos intrínsecos aos grupos aos quais pertencem e dos quais participam, o que inclui a paz, as diferenças e o direito à comunicação, independentemente do canal. Ainda este ano, o Brasil viveu uma mobilização inicialmente organizada pelas redes sociais e Internet em que se lutava e pelo “direito de ter direitos”. Além desta série de mobilizações, muitas outras insistem, diariamente e no anonimato, em levar uma mensagem de esperança e resistência, como aquelas que lutam pelo direito à terra, ao teto, ao meio ambiente preservado, em favor das minorias, das mulheres etc.

O cenário não seria mais propício para a discussão que propõe Andréia Moassab em sua pesquisa doutoral, que resultou na obra *Brasil periferia(s): a comunicação insurgente do hip-hop*. O livro propõe-se a discutir como o hip-hop atua como comunicação contra-hegemônica produzida por milhares de jovens que insistem e persistem em resistir aos conceitos e

valores do capitalismo selvagem, da globalização excludente e da modernidade efêmera e violenta.

Para tal, a autora busca contextualizar historicamente o hip-hop e suas inter-relações com a política, a história e com os espaços de resistência, o que lhe permite enxergá-lo como "processo dialógico que efetiva a resistência contra o sistema dominante e a emancipação pela reconstrução de outra história para o país e outras narrativas não apresentadas pela mídia convencional" (p.29). Em linhas gerais, Moassab organiza seus argumentos com base em três pontos, todos articulados pelo hip-hop, a saber: espaço e território; resistência, empoderamento e emancipação; e comunicação contra-hegemônica.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho está estruturado no tripé: estruturação teórico-conceitual, pesquisa de campo e análise de letras de músicas. A base teórica está baseada exatamente na intersecção entre sociologia, cultura e comunicação e inclui o pensamento de autores como Boaventura de Sousa Santos, Michel Foucault, Milton Santos, Pierre Bourdieu, Manuel Castells, Flávio Villaça, Ilse Sherer-Warren e inúmeros outros não menos importantes. Segundo a autora, a metodologia de pesquisa foi além da "observação participante", o que, a nosso ver, se assemelha em diversos aspectos à "pesquisa-ação", quando a figura do pesquisador assume forte vínculo com o grupo investigado e, inclusive, seus membros conhecem e participam do processo. Somam-se a isso entrevistas informais com integrantes de comunidades da Zona Sul e Leste de São Paulo, além de músicos e produtores musicais, realizadas em 2007.

A pesquisa também se valeu da análise de letras de músicas do hip-hop e de reportagens da imprensa

nacional sobre o assunto, sobretudo a mídia impressa. Apesar de o *corpus* incluir letras de grupos de diferentes regiões do País, como São Paulo, Rio de Janeiro, Maranhão, Bahia e Distrito Federal, a análise tende às características da pesquisa qualitativa, isto é, não há intenção de mapear a totalidade da produção nacional do hip-hop, mas, sim, de tecer uma análise aprofundada que dê conta de apontar a hibridez, buscada por meio do método de amostragem matemática não probabilística, chamado *snowball sampling*. O trabalho também está ancorado em extensa pesquisa bibliográfica, resultante de trabalho hercúleo, que inclui teóricos de sociologia, comunicação, cultura, hip-hop, além de videografia, musicografia e textos atuais publicados pela imprensa.

O resultado da metodologia utilizada pode ser identificado em cada página do livro. A autora conseguiu defender sua tese e transmitir sua mensagem e ideias com os olhos de quem vê o fenômeno por dentro, com maior profundidade, sem os juízos de quem apenas observa do alto de torres de marfim, mas não age, não participa, não atua. Por outro lado, a extensa carga teórica e as técnicas de pesquisa e de análise dos textos das músicas dão o equilíbrio e não deixam a autora cair nas trilhas de pesquisas enviesadas, tão comuns em dias como os nossos, em que o rigor metodológico é negligenciado.

O trabalho de Andréia Moassab também representa alento em meio à tendência ainda dominante nos programas brasileiros de pós-graduação em comunicação de privilegiar pesquisas sobre a comunicação massiva, corporativa, dominante, em detrimento da comunicação alternativa e popular, que se faz mais social, dialógica, igualitária e humana, mas que

muitas vezes é vista com olhares de preconceito em alguns escuros corredores da Academia.

Na contramão do fluxo dominante, a autora propõe um novo significado para a resistência e o empoderamento. Ao utilizar o hip-hop como instrumento, estes jovens persistem na construção de relações sociais baseadas na igualdade e na solidariedade, não de quem foge da exclusão e da dominação para buscar um refúgio, mas de quem luta para construir um espaço aberto às diferenças, à participação e à resignificação do que hoje comumente se chama de periferia.

Por fim, destaca-se o modo como a autora vê o hip-hop (e por consequência outras manifestações culturais e populares): como fonte de conhecimento capaz de trazer para dentro do debate acadêmico a mesma capacidade de reconfiguração do saber científico, impulsionando a pluralidade de pontos de vista, criando e recriando espaços e promovendo a inclusão.